

Passos na economia preocupam Arida

Entrevista Economista aponta 'retrocessos' na agenda ambiental e política externa e critica ataques ao BC e revisão das regras do saneamento

Começo do governo Lula é 'preocupante', afirma Pêrsio Arida

Alex Ribeiro De São Paulo

Um dos papéis do Plano Real, o economista Pêrsio Arida considera "preocupante" a evolução do governo Lula nos cinco primeiros meses. "Esses primeiros, incluindo o governo é uma sequência de iniciativas e ideias que vão no contramão do que o Brasil precisa". A lista de restrições que Arida faz ao direcionamento econômico do novo governo é grande, da revisão do marco do saneamento aos ataques do presidente da República ao Banco Central, da volta dos subsídios ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao posicionamento na política externa. Ele está preocupado também com o que deixou de ser feito — como adotar uma agenda na área de energias limpas para o país líder no tema das mudanças climáticas e uma reforma do Estado para cortar desperdícios e tornar o menos ineficiente. Arida foi um primeiros economistas a influenciar a declaração de apoio a Lula no segundo turno das eleições, o que ajudou a enfiar candidato a se aproximar do eleito de centro. Também fez parte da equipe de transição, embora não tenha se integrado ao novo governo. "Não muda em nada a minha avaliação sobre o apoio que dei ao presidente Lula, porque foi um apoio pensando na democracia, nos direitos humanos, na agenda ambiental, muito mais do que na economia", afirma ele, em entrevista ao Valor.

Ele diz que, neste momento, não seria uma boa ideia mudar aspectos do regime de metas de inflação, para não perder a credibilidade da política monetária. "No Brasil de hoje, é melhor não fazer nada, não mexer na meta nem no ano calendário". Para ele, a alta indexação da economia de volta levar o país a adotar uma meta menor que 3%, não maior. Apesar de todas as críticas, Arida ainda tem alguma esperança na mudança de rumos do governo. "Se passaram cinco meses, Início de governo não sempre confusos, eu vi isso de perto com o governo Fernando Henrique", afirma. "A ver como vai se desenvolver para frente". A seguir, os principais trechos da entrevista.

Combinação virtuosa de política fiscal dura e política monetária muito acomodativa

Valor: Como o senhor avalia os primeiros meses do governo? Pêrsio Arida: Do ponto de vista econômico, a evolução dos primeiros meses é muito preocupante. Não muda em nada a minha avaliação sobre o apoio que dei ao presidente Lula, porque foi um apoio pensando na democracia, nos direitos humanos, na agenda ambiental, muito mais do que na economia. Mas esse começo de governo é uma sequência de iniciativas e ideias que vão no contramão do que o Brasil precisa: a revisão do marco do saneamento, a revisão dos critérios de volta de Eletrobras, os ataques ao Banco Central, os questionamentos sobre a lei das estatais, a volta de subsídios no BNDES, ideias como criar uma indústria de semiprocessadores no Brasil ou restaurar a indústria naval, o subsídio ao carro popular, retrocessos na agenda ambiental.

Valor: O que o senhor achou do novo quadro econômico? Arida: É bom ser uma ideia complementar. O Brasil precisa desconstituir aspectos econômicos por necessidade da economia mudando o tempo todo. Também é positiva a sinalização de uma preocupação do PT com a estabilidade da dívida pública a médio prazo, embora seja improvável que seja atingida no final do governo Lula. O que mais me preocupa é o incentivo para aumentar a receita para gastar mais. O Brasil já tem uma carga fiscal muito elevada. Eu preferiria uma regra mais simples e abrangente: a soma de todos os gastos públicos, incluindo os transferências constitucionais, teria que permanecer constante em termos reais por alguns anos. Foi proposta uma regra complexa. A complexidade, em si, não é problema. A regra orientadora é clara, mas a implementação é complicada. O problema é que, no nosso caso, a tendência é sempre burlar a regra para aumentar o gasto.

Valor: Por que a estabilidade dos gastos em termos reais seria a melhor solução? Arida: Coloca sobre o governo a preocupação de diminuir despesas obrigatórias e reavaliar as políticas de gastos. Temos uma série de gastos que, quando anunciados, não campo das intencções, sempre são meritosos, mas que terminam com uma governança e um funcionamento muito ruim. Em parte, por que o Estado brasileiro não é eficiente, em parte por captura de grupos de interesse e, muitas vezes, por inércia. Valor: Governos de esquerda têm historicamente aumentado o papel do Estado, ou liberam o comércio. Há uma preocupação de esquerda de aumentar os gastos públicos, ou até estender a preocupação de transição, embora não tenha se integrado ao novo governo. Valor: O patamar de gastos foi elevado pela PEC da Covid, PEC dos precatórios, PEC Kamikaze e, neste ano, pela PEC da Transição. Muito do efeito da PEC da Covid diminuiu, mas as outras produziram aumentos efetivos de gastos. Se estivessem partindo de um patamar baixo de gastos públicos, eu não entenderia a preocupação de um governo de esquerda de aumentar os gastos. Do ponto de vista dos impostos, a preocupação correta, liberal e de esquerda, é ter uma carga tributária socialmente justa. Se o governo quiser ampliar os gastos numa direção, que trate de diminuir em outra. Tem muitos desperdícios no setor público.

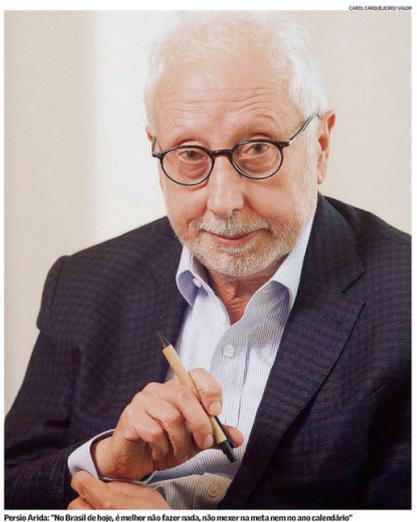
Valor: O senhor acha que o Brasil precisa de uma política monetária mais dura? Arida: Não. O Brasil não está sofrendo de inflação. O problema é que a política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é assimétrico. Se aumentamos os gastos, vai gerar um montante grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a tendência é muito menor. Valor: Na conjuntura atual, em que o Banco Central mantém juros altos para baixar o inflação, seria adequado um ajuste fiscal? Arida: Não. O Brasil não está sofrendo de inflação. O problema é que a política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é assimétrico. Se aumentamos os gastos, vai gerar um montante grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a tendência é muito menor.

Valor: O senhor acha que o Brasil precisa de uma política fiscal mais dura? Arida: Não. O Brasil não está sofrendo de inflação. O problema é que a política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é assimétrico. Se aumentamos os gastos, vai gerar um montante grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a tendência é muito menor.

Valor: O senhor acha que o Brasil precisa de uma política monetária mais acomodativa? Arida: Não. O Brasil não está sofrendo de inflação. O problema é que a política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é assimétrico. Se aumentamos os gastos, vai gerar um montante grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a tendência é muito menor.

Valor: O senhor acha que o Brasil precisa de uma política fiscal mais acomodativa? Arida: Não. O Brasil não está sofrendo de inflação. O problema é que a política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é assimétrico. Se aumentamos os gastos, vai gerar um montante grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a tendência é muito menor.

Valor: O senhor acha que o Brasil precisa de uma política monetária mais dura? Arida: Não. O Brasil não está sofrendo de inflação. O problema é que a política monetária é muito mais flexível, já o comportamento dos gastos é assimétrico. Se aumentamos os gastos, vai gerar um montante grande. Se você apresentar como, de fato, uma forma para dar flexibilidade de carreira e melhor remuneração para os funcionários que melhor desempenharem, a tendência é muito menor.



Pêrsio Arida: "No Brasil de hoje, é melhor não fazer nada, não mexer na meta nem no ano calendário"

Declarando reduzindo o problema da Venezuela a uma narrativa são inaceitáveis

Aberto, que vai para a televisão, vai ao programa Roda Viva, se dispõe a uma conversa aberta com ministros. É uma postura de abertura, democrática, mas de sever. Valor: O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tem perguntado a respeito da política fiscal e da política monetária. Está falando esta história? Arida: Esse mantra, vamos dizer assim, está na teoria econômica há muito tempo. Tudo mundo acha que tem que ter harmonia. A combinação virtuosa é a política fiscal dura e a política monetária muito acomodativa. Quando verificamos no Brasil, é o oposto, certo? Tem que sair da política fiscal solta, acomodativa, e política monetária dura, para outra situação. Valor: O ministro Haddad se queixa que, em o mundo, a economia cresce pouco e fica difícil cumprir as metas fiscais. A política monetária não deveria ajudar? Arida: Se tiver uma queda muito abrupta da taxa de juros, o que vai acontecer? Gera um aumento nos preços dos ativos de Bolsa, aumento do crédito, aquecimento econômico e inflação sobre. Você tem que, primeiro, consolidar expectativas de inflação. O crescimento é um problema estrutural enorme. Se você perguntar como resolve, não é por medidas cílicas, como ajustar a política monetária. Valor: É como resolve? Arida: O maior sucesso econômico do Brasil hoje é o agro. Por que? A taxa é baixa, até excessivamente baixa, porque a indústria é coberturada. Você tem vantagens comparativas de produção. É orientado ao mercado externo. Não tem intervenção, regulamentação, estatal. Se houvesse o Instituto da Laranja ou o Instituto da Soja, como houve o Instituto do Açúcar e do Alcool e o Instituto do Café, pode ter certeza que não teria prosperado. Esse me parece ser o caminho para a indústria também. Melhor deixar de lado o protecionismo, tipo regra de conteúdo nacional, subsídios do BNDES para pesquisa e equipamentos. Por outro lado, tem que investir, em saúde, educação, principalmente primária, infância, e ciência e tecnologia. Tem que ter uma agenda ambiental forte. Esse é o caminho para crescer.

Valor: Após o isolamento do Brasil no governo Bolsonaro, o presidente Lula está usando bem o seu capital político no exterior? Arida: Tem um capital político que tem que ser preservado, é muito importante. Agora, você atrai capitais quando tem segurança jurídica, quando tem uma boa agenda, em particular de meio ambiente. Eu vi esses retrocessos no meio ambiente com enorme preocupação. O Brasil está desperdiçando a oportunidade de ser uma economia verde, de dar um exemplo para o mundo. Tem um lado preocupante também, no mundo crescentemente polarizado, de aproximações e de distâncias em relação ao eixo Europa-Estados Unidos, e aproximações em relação a Rússia e China. Declarações reduzindo o problema da Venezuela a uma narrativa são inaceitáveis para qualquer um comprometido com a democracia e direitos humanos. Valor: O senhor menciona a volta dos subsídios implícitos nos empréstimos do BNDES. Mas o banco diz que é uma linha com recursos limitados, voltada para inovação. Qual é o problema? Arida: No mundo inteiro, inovação é "equity" [participação no capital] não é financiamento. Se você perguntar qual é o legado do Vale do Silício, da China, da Grã-Bretanha, é todo capital de risco. É errada a noção de expandir o financiamento com subsídios. Isso sempre um recuo — de novo, é uma coisa brasileira — de você começar fazendo um pouco de subsídios numa área e expandir para outras. Nada contra apoio à inovação. O Brasil tem que apoiar mais a inovação. A abertura da economia é crítica. Tem que baixar a tarifa para poder importar máquinas e equipamentos mais produtivos. Tem que permitir imigração, entrada de mão-de-obra qualificada. Valor: Quais empresas deveriam ser privatizadas? Arida: Os Correios são um candidato natural. Os grandes cadastros e privatização são os serviços públicos que não monopólio. Do monopólio é ruim para a economia, é economicamente deficitário. A Casa também é excelente candidato. Também deveria fechar as companhias estatais criadas. A Dilmá criou uma série de companhias estatais. O Bolsonaro não se fechou. Foi um liberalismo meio de ataque. A empresa brasileira de rádio e televisão, a empresa dos trem-bala, não fazem sentido nenhum. Nessas, seria ótimo se desse para privatizar, mas infelizmente ninguém quer comprar, então tem que fechar mesmo. Valor: O senhor julga, em entre-

visita anterior ao Valor, que o "xixi do problema no Brasil está nos 'Tismos'": patrimonialismo, populismo, corporativismo. O problema está sendo resolvido? Arida: Talvez mais importante até que a agenda econômica seja a agenda institucional. Temos um sistema partidário sem claras distinções programáticas, testes de representação na Câmara e falta de "accountability" dos parlamentares com os seus eleitores, exceto pelo clientelismo. Valor: Governo e mercado financeiro estão fazendo uma grande aposta na reforma tributária. Como a sua avaliação sobre o cenário atual? Arida: É claro que seria um enorme progresso no Brasil, com o IVA único, não com o IVA dual. O IVA dual seria um "second best" [uma segunda alternativa inferior à primeira] digamos assim. O grande problema da reforma tributária é, primeiro, uma questão de encaminhamento, porque quem perde perde e quem ganha não está se manifestando. Teoricamente é uma reforma neutra do ponto de vista tributário. Mas tem um problema de fundo: você vai terminar com uma alíquota de um IVA da ordem de 25%. A alíquota de 25% só explicita que a carga tributária brasileira é muito grande. Só tem uma solução. Você tem que fazer uma reforma a longo prazo para diminuir a carga tributária. Valor: Como construir um consenso para aprovar a reforma? Arida: Reformas tributárias são sempre muito difíceis em qualquer lugar do mundo. É mais difícil se você apenas disser para a indústria automobilística que vai terminar com os seus incentivos no prazo de seis anos, ou que vão acabar para a Zona Franca de Manaus, para citar dois exemplos. Diga o seguinte: vou diminuir a alíquota do Imposto de Renda. Quando você nomeia quem vai ganhar, você cria e massa crítica a favor da reforma. Valor: O senhor está desiludido com o governo Lula? Qual é sua expectativa daqui por diante? Arida: Só se passaram cinco meses. Início de governo não sempre confusos, eu vi isso de perto com o governo Fernando Henrique. A ver como vai se desenvolver para frente. Não é que esteja já radicalmente pessimista, ainda tem tempo para pra corrigir a rota e colocar o Brasil numa situação de crescimento elevado.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal /Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 6